

RECONHECIMENTO DE CORPOS E PRÁTICAS URBANAS NA CIDADE DO KILAMBA EM PLENA PANDEMIA DE COVID – 19

RECONOCIMIENTO DE LOS CUERPOS Y DE LAS PRÁCTICAS URBANAS EN LA CIUDAD DE KILAMBA EN MEDIO DE LA PANDEMIA DE COVID – 19
BODY RECOGNITION AND URBAN PRACTICES IN THE CITY OF KILAMBA IN THE MIDDLE OF THE COVID PANDEMIC – 19

Yuri Agostinho¹

Num sábado datado, dia vinte oito de novembro de dois mil e vinte, dia meio acinzentado, saí de casa com uma máquina fotográfica e caminhei por várias artérias da cidade do Kilamba, em Luanda. Sem compromissos ou ideias pré-concebidas, ao longo do caminho, lancei-me num desafio com o intuito de fazer um percurso que fosse ao encontro de corpos em práticas urbanas. Na medida que eu ia alargando a marcha; na presença de um ar fresco e na suspeição da aproximação de uma chuva, deparei-me com corpos: uns em movimento e outros em repouso na paisagem urbana. Embora o *flash* da máquina fotográfica direciona-se para iluminar paisagens; corpos e objetos, os resultados obtidos nesta etnografia na cidade, congelam e ampliam diferentes possibilidades de leituras.

Seguindo a sequência das imagens abaixo é possível contemplar diversos cenários, que vão desde corpos, objetos e práticas. Estes corpos respondem a disposições ligadas por um lado, a um quadro conceptual hierárquico, carregado do social e por outro lado, há um mapa familiar por sermos partícipes desta sociedade. A nossa posição ao contemplar estes corpos, e às possíveis práticas, não nos coloca num lugar de privilégio, mas sim de incómodo, é o caminho que Gilberto Velho (1980) chama atenção em *observando o familiar*; que o lugar do pesquisador deve estar atrelado em zona e possibilidades de relativizar ou transcender para poder colocar-se no lugar do “Outro” (VELHO, 1980, p. 127).

Este ensaio fotográfico pode ajudar-nos a refletir sobre categorias, que muitas vezes a “olho nu”, contemplamos pessoas no cotidiano e automaticamente *rotulamos*, com identidades fixas. Por detrás destas categorias rotuladas por nós, quais são as histórias e trajetórias destas pessoas? Se aplicarmos em frente uma guilhotina no social para separar os corpos reconhecidos e não reconhecidos, assim como às práticas urbanas a partir do nosso olhar, este procedimento permitirá que abandonemos o senso comum, e neste contexto, o nosso olhar sobre os corpos poderá gerar significados e valores.

O corpo diretamente ou indiretamente, independentemente da posição social de quem o conduz, estará sempre exposto a uma modelagem e a uma forma social, é o que, em *quadros de guerra: quando a vida é passível de luto?* Judith Butler (2015) fala, em uma *ontologia do corpo* e uma *ontologia social*.

A captura destes corpos e as práticas urbanas, por meio de uma etnografia na cidade, pode oferecer um leque de questões para pensarmos, como por exemplo, a articulação no ambiente citadino por estes corpos. Por outro lado, instiga-nos a olhar o envolvimento no espaço urbano, entre corpos e práticas urbanas que podem ser entendidas a partir de uma leitura por meio de imagens. O

¹ Doutorando em História pela Universidade Federal de Pernambuco – UFPE. Possui graduação em Antropologia pela Faculdade de Ciências Sociais da Universidade Agostinho Neto (2010) e mestrado em Ensino de História de África pelo Instituto Superior de Ciências da Educação de Luanda (2016). E-mail: yanessanguifada@gmail.com

resultado deste contemplar, abrirá espaço para mensurar até que ponto, as forças articuladas pelo social e pela política estão atuando nos corpos que se fazem presentes nas imagens.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BUTLER, Judith. *Quadros de guerra: quando a vida é passível de luto?* Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2015.

VELHO, Gilberto. *Individualismo e cultura: notas para uma antropologia da sociedade contemporânea.* Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1980.

Recebido em: 22/09/2021

Aceito em: 31/01/2022













Recebido em: 22/09/2021

Aceito em: 31/01/2022